

# DE PARIS A LISBOA



A Comissão portugueza a maior de todas da Exposição, maior do que a torre Eiffel, não tem tido até hoje cabeça, tem estado com uma carça sem nada atrás.  
 Quartel general em Abrantes, tudo como d'antes.

## Por ahí...



Estava um mestre carpinteiro todo entregue ao labor da sua goiva e todo enlevado na estrutura dos seus pinasios, quando um sujeito lhe assomou a porta, sorridente e comprimenteiro, na feição vulgar de quem pretende alguma coisa.

— Ora o mestre é que me podia fazer um grande favor... — encetou o pretendente, com o sorriso liso do que mette requerimento à caixa.

— Se não for obra que custe muito... retrucou o mestre, sangrando-se em saúde para o caso de peditório avantajado.

— Não custa absolutamente nada... Lá diz o ditado que o que não nos serve o podemos dar ao diabo pelo amor de Deus — e o que eu pretendo está n'esse caso? desejava apenas que o mestre me desse uma fassiquiasinha de madeira d'essa que está ahí no meio do chão destinada a um lugar effectivo no entulho, com tirocinio de vinte e quatro horas de barril do lixo...

— O' homem! por tão pouca coisa não valia a pena fazer para ahí um discurso que até me parecia o seu *Manel d'Arriaga* nos tempos em que elle deitou cá para fóra tudo o que tinha a deitar em dias da sua vida... Escolha á sua vontade e vá em paz e com o pausinho...

Escolhe o homem o pausinho e volve com outro sorriso liso:

— Se não recciasse enfadar, confessava-lhe que a minha ambição era... ir antes com dois pausinhos...

Se me desse outro pausinho por metade do tamanho d'este...

— Pois leve lá o outro pausinho...

— O meu reconhecimento será eterno, como a sua generosidade é inexgotavel! Isso me anima a pedir-lhe se me dá tambem um prego, por mais insignificante que seja... Muito obrigado pelo seu prego! Que seja a primeira esmola que encontre ás portas do céu... Já agora faz favor de me pregar o prego, de maneira que os pausinhos fiquem juntos e cruzados...

— Oh! homem! então o que você quer é uma cruz! Podia começar por me dizer isso e escusava de me tomar tanto tempo por coisa tão insignificante!

— Se eu principiasse por lhe pedir uma cruz, o mestre achava logo que era pedir muito e respondia-me redondamente que não; ao passo que assim, a pouco e pouco, fez-me tudo quanto eu queria — o que mais uma vez vem demonstrar que com tempo, paciencia e oleo d'amendoas doces se pode chegar a metter o Rocio na rua da Bitesga...



Ora este caso do mestre carpinteiro e do homem da cruz—ou, mais correctamente, do homem dos pausinhos—vem mesmo a talho de foice para o caso das prerogações parlamentares.

Eis a distribuição dos papeis:

*Homem dos pausinhos* — o governo.

*Mestre carpinteiro* — a opinião publica.

*Pausinhos* — as prerogações.



O homem dos pausinhos precisava inadiavelmente d'uma cruz — sem a qual não poderia levar ao calvario a cruz dos projecticulos pendentes e sem os quaes era uma vez a dedicação partidaria de todos os amigos e correligionarios.

Mas, se o homem dos pausinhos pede de uma assentada toda essa cruz ao mestre carpinteiro da opinião publica, o mestre atirava com a cruz — perdão! — atirava com a albarda ao ar e adeus cruz, adeus projecticulos, adeus partidarios, amigos e correligionarios!

N'estas circumstancias, o homem dos pausinhos teve a inspiração luminosa que vimos de relatar no capitulo antecedente, limitando-se a pedir:

1.º pausinho — Uma prorrogação de oito dias.

E o mestre carpinteiro, encolhendo os hombros com indiferença, disse para o homem dos pausinhos:

— Então que tem lá isso? Por um pausinho tão insignificante não valia a pena distrahir-me dos meus afazeres... Podia levantar o pausinho do chão e carregar com elle para casa que eu nem dava por semelhante coisa... Leve lá o pausinho, creatura de Deus...

Elle levou, mas logo em seguida voltou pedindo um pausinho mais pequeno — mais seis dias de prorrogação.

— E você a dar-lhe, seu escrupuloso d'uma figa! Está claro que pôde levar o segundo pausinho... Até lhe ficava mal levar apenas um... Ficava-lhe mal e ficava mocho.

Dahi o pedido do prego de mais uma prorrogaçãozinha.

E depois, o pedido da batucella do prego — mais outra prorrogaçãozinha.

E aqui está como o homem dos pausinhos conseguiu arranjar a cruz das prrogações para levar ao calvario a cruz dos projecticulos, sem que o mestre carpinteiro que se chamma Zé Povinho desse por coisa alguma, além do insignificante peditorio d'uns pausinhos ainda mais insignificantes.

O que ha de original em tudo isto é que seja o homem dos pausinhos que peça a cruz ao mestre carpinteiro e este quem lh'o dê aos bocadinhos para depois carregar com ella ás costas d'uma assentada.

## De raspão...

Uma menina de Nova-York, desembaraçada e gentil como uma verdadeira americana, namorava ha coisa de seis annos um rapaz do commercio — indole seria, sobria, correcta — com o qual tencionava casar, apenas a viagem d'este terminasse. Nunca o procedimento do moço despertara no coração da americana e menor suspeiça d'infidelidade: senão quando ha dias, entra a formosa a queixar-se de dores fulgurantissimas na testa, e uma especie de tumor em forma de cone, duro e crescente, começa a bosselar-se-lhe, no sitio onde pouco mais ou menos rebentam os appendices aos hois. Sobresaltada do caso, a pobre refugia-se



então no consultorio d'um grande operador, que tateia a bossa, chloroformisa a doente, faz a incisão em cruz para operar...; e perdido sangue, o osso coronal da enferma posto a descoberto, reconhece o perito com pasmo, que a protuberancia era cornea, e que a extirpação d'ella necessariamente poria em risco a existencia da operada.

Não era já tanto o horror da deformidade, que impellia a magua da rapariga, pelas campinas sem fim do desespero — senão o sobresalto de que o chifre latente na sua testa de neve, fosse prenuncio, quem sabe! da escandalosa frescata em que o namorado lhe andasse lá fóra, por aquellas immundas cidades europeas...



Reconsiderando no facto, vê-se a natureza trazendo contraprovas palpaveis á eterna questão da identidade entre os dois sexos — a mulher, reintegrada d'ora avante na sua cathgoria de ser tão perfeito como o homem, organica, social e cornijeramente considerado — o homem, abatido enfim da orgulhosa prosapia que o fazia considerar-se rei da criação, animal superior por excellencia, e só n'um momento de capricho ou de descejo erguendo a si a companheira que Deus lhe preparou d'uma costella.





Entre mulher e homem, nenhuma differença mais d'ora em diante... além d'aquellas encantadoras differenças que, já se vê, Deus pôz de guarda á perpetuidade das gerações.

O chifre pois que humilha o homem, á face da moral, vai dentro em pouco fazer a fortuna política da mulher.

Adão não será mais a unica besta cornijera do adultério, que o mundo antigo conheceu. Partilhará com Eva emfim este maravilhoso dom de realza, retribuindo-a com egualdade e fraternidade, dando em troca á mulher, como é justiça, os cargos scientificos e sociaes de que até hoje fazia monopolio.

E que graça alada e demoniaca não ha-de ter uma cabecinha loira de recém-casada, espirituosa, cheia d' frescura, e com dois chavelhinhos agudos sobre a fonte l.



Que infinitas *coquetteries* não vão ellas tirar de mais este encanto, embolando-o de tules e plumagens, incrustando-o d'anneis, pingentes, fios de perolas, e pequeninos focos electricos que scintillarão nas noites de baile, como outros tantos pharoes guiando aos portos francos do amor, os navegantes pouco atiradiços. Porque na mulher, o chifre—entendamo-nos—não vai ser o galho adusto que faz dos maridos, como que uns Hamlet's grotescos da leziria, mas uma espirituosa excrecencia mephistophelica, erguida sobre a fronte, como um ponto d'admiração pela belleza, ou como um ponto d'interrogação, pela virtude. E que renovações essa excrecencia virá trazer á arte da galantaria! Acercando-nos d'uma dama, não mais diremos a caricata phrase, por exemplo:

—Tenho a honra de pôr aos pés de V. Ex.ª, as minhas homenagens.

Mas, engastando o monoculo no orbicular:

—Seja-me permittido, senhora, pendurar nos chifres de V. Ex.ª, como duas bellas esmeraldas, as effusões da minha mais sincera admiração...

Ora, como o advento do chifre á cabecinha da mulher, vai restabelecer as pégas outra vez, embora as auctoridades tentem oppôr-se, d'aqui gritamos ao sr. Carlos Testa, paraphraseando o Christo:—quem nunca se sentiu moço de forcado, atire a estes bois a primeira péga.



Tres bilhetes de visita, arrancados ao album d'um colleccionador, e cuja authenticidade podemos garantir.



\*MANOEL LUIZ DO N.

participa ao seu amigo e correligionario... (nome em branco) como prova d'amisade, que no dia 31 do corrente, completa 23 primaveras.

Porto 25 de Março 188...



\*JULIO MARIA PERES VAZ

ex-passageiro do vapor Cotapaxi



\*MARIO PROSTES DE SOUSA

membro do conselho de familia



IRKAN.

# EM PARIS

## A GREVE DOS COCHEIROS



Um rei absoluto no paiz da Republica.



Com o titulo de real com que se alambasa, e com a opera séria que está cantando, o Colyseu de Lisboa dá-se assim um ar de theatro de S. Carlos para verão, a que não tem faltado, nem as gravatas brancas dos dandys, nem as grandes *toilettes* das senhoras. Mathilde Franco, a prima-dona da *Martha*, faz-nos o effeito insolito da corista gorda rejuvenescida. E' o tonnel de Heidelberg, cheio de pintasilgos ensinados. Ou ella, na *Martha*, ou a Dorinda, na *Mascotta*. Deus do céu! que seria, se esta ultima tivesse ainda agora na voz a agilidade que tem nos *quartos-bassos*!